

A única cidade do mundo dividida entre a Europa e a Ásia é um convite à dualidade entre o antigo e o moderno

POR ROBERTO FONSECA

Istambul se organiza a partir de uma tensão constante: de um lado, a herança bizantina e otomana; de outro, a metrópole que cresce sobre duas margens separadas pelo Bósforo. A cidade é a maior da Turquia e a única do mundo distribuída entre a Europa e a Ásia, divisão marcada tanto pelo estreito quanto pelo Chifre de Ouro. Embora Ancara seja a capital política, é em Istambul que o passado imperial encontra o cotidiano de ruas estreitas, barcos lotados e mercados que funcionam como microcosmos sociais.

Caminhar pelas ruas da metrópole turca é conviver o tempo inteiro entre o antigo e o novo. Lembranças de tempos distantes estão por todos os lados, assim como as novidades tecnológicas. A proximidade entre as principais atrações facilita a jornada de um fim de semana. Sultanahmet, o núcleo histórico no lado europeu, condensa disputas de poder, símbolos religiosos e decisões arquitetônicas que influenciaram outros territórios. A cada esquina, é possível perceber como os impérios deixaram marcas que não foram apagadas, mas sobrepostas.

Logo no início da viagem, a visita à Hagia Sophia funciona como ponto de partida para compreender essa sobreposição. Construída em 532 d.C., a antiga catedral bizantina abriga mosaicos cristãos expostos após restaurações recentes. Eles convivem com elementos islâmicos introduzidos quando o edifício se tornou mesquita, em 1453. As colunas altas, o espaço central amplo e a luz filtrada moldam uma atmosfera que revela a trajetória de usos sucessivos. A poucos metros dali, a Mesquita Azul apresenta outra leitura arquitetônica: a cúpula interna recebe cerca de 20 mil azulejos azuis, responsáveis pelo tom que a caracteriza. A estrutura, erguida entre 1609 e 1616, é organizada a partir de seis minaretes, algo raro para a época.

Segundo a pé, a rota leva à Mesquita de Solimão, posicionada no topo da cidade antiga. A subida é constante, mas a vista compensa: dali, o Chifre de Ouro se abre em direção ao Bósforo, e a malha urbana se revela em diferentes alturas. Dentro do complexo religioso, a sensação é de equilíbrio entre proporção e iluminação, reforçando o papel monumental das mesquitas na vida social da cidade. Em todas elas, as mesmas regras se repetem: sapatos retirados na entrada; mulheres com cabeça, ombros e joelhos cobertos; horários de oração respeitados.

O Palácio Topkapi, construído em 1460, introduz outro tipo de poder. Os quatro pátios interligados mostram como o império otomano administrava suas



funções políticas e domésticas. No Tesouro Imperial, objetos de valor extremo, como o Punhal de Topkapi e o diamante de 86 quilates, expõem a escala do luxo cultivado pela corte. O Harém, por sua vez, revela uma organização mais íntima do cotidiano palaciano, com salas sucessivas e decoração que se torna mais detalhada à medida que se avança.

No fim da tarde, o Bósforo funciona como eixo de leitura da cidade. Em um passeio de barco, as margens mostram estruturas administrativas, palácios erguidos junto à água e fortalezas posicionadas em pontos estratégicos. À distância, as pontes conectando os continentes formam

